Les neiges du Kilimandjaro

a film by Robert Guédiguian

ЕВРОПЕЙСКИ ПАРЛАМЕНТ PARLAMENTO EUROPEO EVROPSKÝ PARLAMENT EUROPA-PARLAMENTET
EUROPÄISCHES PARLAMENT EUROOPA PARLAMENT ΕΥΡΩΠΑΪΚΟ ΚΟΙΝΟΒΟΥΛΙΟ EUROPEAN PARLIAMENT
PARLEMENT EUROPÉEN PARLAIMINT NA hEORPA PARLAMENTO EUROPEO EIROPAS PARLAMENTS
EUROPOS PARLAMENTAS EURÓPAI PARLAMENT IL-PARLAMENT EWROPEW EUROPEES PARLEMENT
PARLAMENT EUROPEJSKI PARLAMENTO EUROPEU PARLAMENTUL EUROPEAN
EURÓPSKY PARLAMENT EVROPSKI PARLAMENT EUROOPAN PARLAMENTTI EUROPAPARLAMENTET

DIRECTOR
Robert Guédiguian

CAST
Ariane Ascaride
Jean-Pierre Darroussin
Gérard Meylan
Marilyne Canto
Grégoire Leprince-Ringuet
Anaïs Demoustier
Adrien Jolivet

SCREENPLAY
Robert Guédiguian, **Jean-Louis Milesi**
CINEMATOGRAPHER
Pierre Milon
EDITING
Bernard Sasia

CO-PRODUCTION
Agat Films & Cie / Ex Nihilo
France 3 Cinéma
La Friche Belle de Mai
SALES AGENT
Films Distribution

DURATION
107 min.
COUNTRY
France
YEAR
2011

As Neves do Kilimanjaro

UM DOSSIÊ PEDAGÓGICO REALIZADO PELO CENTRO CULTURAL LES GRIGNOUX - *MANON QUOILIN*

Livremente inspirado no poema de Victor Hugo «*Les pauvres gens*», o filme *Les Neiges du Kilimandjaro* (com o título em português «*As Neves do Kilimanjaro*») conta a história de um sistema de valores em risco e progressivamente reabilitado graças ao casal Michel e Marie laire, interpretados por Jean-Pierre Darroussin e Ariane Ascaride, os atores prediletos (juntamente com Gérard Meylan) do realizador Robert Guédiguian. Este último mantém-se fiel a si próprio enquanto cineasta, oferecendo um filme empenhado, se não militante, que questiona a sociedade e a sua evolução.

Os valores defendidos pelo filme

O filme abre com uma sequência bastante dolorosa: Michel, representante sindical, é encarregado de selecionar aleatoriamente vinte pessoas que serão despedidas imediatamente. Quando pronuncia o próprio nome, o colega lança-lhe um olhar interrogativo, quase acusador. Este último, que também é o seu melhor amigo, irá criticá-lo por ter colocado o seu nome na urna, apesar de o seu estatuto de delegado sindical lhe permitir escapar ao despedimento. Michel responde-lhe que não queria beneficiar de nenhum privilégio, revelando assim a sua vontade de justiça e imparcialidade. Esta breve conversa não tem grande impacto na narrativa, mas permite ao realizador apresentar as suas personagens, assim como o tema principal do filme. Esta sequência de abertura define de imediato o tom de toda a história: trata-se da defesa de **valores** por certas personagens, mas que serão severamente postas à prova durante a narração.

Com efeito, durante um serão entre amigos em casa de Michel e Marie-Claire, dois homens encapuzados irrompem violentamente pela sua casa para roubar o dinheiro que o casal destinara às férias no Kilimanjaro. Para as vítimas, a incompreensão é total. Por que razão os agressores os roubaram a eles em particular? O que fizeram na vida para o merecer? Este roubo vai, pois, abalar todos os valores pelos quais se bateram durante toda a vida, confrontando-

os com uma situação que sentem como uma injustiça brutal e incompreensível.

Quando Michel descobre a identidade de um dos agressores, Christophe, um jovem trabalhador que, no início do filme, fora escolhido à sorte entre os vinte que iriam ser despedidos, a incompreensão torna-se ainda maior. Para ele, os trabalhadores despedidos enfrentam todos a mesma realidade e seria normal que, num momento como esse, se sentissem unidos e solidários. Fora, aliás, por essa razão que ele próprio e Marie-Claire haviam convidado todas as pessoas despedidas para a festa de aniversário dos seus trinta anos de casamento, para que todos pudessem partilhar em conjunto um momento agradável. Assim, do ponto de vista de Michel, Christophe era «um dos seus», por ter trabalhado na mesma empresa e por ter sido despedido ao mesmo tempo que ele. Mais tarde, quando ambos procuram emprego, Michel chega mesmo a trocar palavras de encorajamento com Christophe, ignorando, nesse momento, o ato que Christophe cometera.

Durante o confronto na esquadra da polícia após a detenção de Christophe, Michel expõe claramente o seu sentimento de injustiça: "Trabalhávamos juntos, fomos despedidos ao mesmo tempo. E vens roubar-me a mim?" O roubo é, pois, um ato violento e injusto, mas sobretudo, aos olhos do sindicalista, atenta contra o princípio de solidariedade que deveria existir entre todos os trabalhadores. Renunciando a uma solidariedade doravante inexistente, Michel apresenta queixa contra o seu agressor, apelando ao princípio abstrato de uma justiça supostamente igual para todos e que pune todos os atos ilegítimos.

Nota-se, no entanto, que o filme não se limita a um único ponto de vista e que nos revela imediatamente após o roubo, quais poderiam ser as motivações de Christophe. Depois de o ter mostrado encapuzado durante o assalto, a câmara segue-o na sua fuga pelas ruelas escuras da cidade. Já de rosto descoberto, Christophe entra no autocarro e vai para casa ocupar-se dos irmãos mais novos. O agressor é, portanto, claramente identificado, personificado e até humanizado pela mão do realizador através da sua relação com a família.

No momento em que Christophe se encontra na posse do dinheiro roubado a Michel e Marie-Claire, paga as dívidas à agência imobiliária e vai às compras para preparar uma refeição aos seus irmãos mais novos. O seu gesto violento explica-se facilmente aos olhos do espetador, ainda que não moralmente justificado, pela vontade de satisfazer as necessidades vitais da sua família.

Se Michel sente uma profunda injustiça face ao roubo, a conversa com Christophe na esquadra da polícia permite-lhe tomar consciência da realidade vivida por este. Apesar da semelhança

da situação de ambos face ao despedimento, as condições de vida das duas personagens divergem em determinados pontos fulcrais. Enquanto Michel recebeu dos amigos e da família uma viagem à Tanzânia, irá receber indemnizações do sindicato e partilha a vida com alguém que tem trabalho, Christophe, por seu turno, não dispõe de qualquer segurança financeira e deve ocupar-se dos irmãos mais novos, tanto a nível educativo como financeiro. Christophe serve-se desta desigualdade de condições para justificar o seu ato. Mesmo que não se possa concluir com toda a certeza qual o ponto de vista exato do cineasta, pressupõe-se que, ao dar tão amplamente a palavra ao jovem, o realizador questiona as convicções espontâneas de Michel e da sua mulher: será que a sua vida se coaduna com os **valores de justiça e de equidade** que parecem reivindicar?

A partir dessa consciencialização, e fiéis às suas convicções, Michel e Marie-Claire tentam, cada um à sua maneira, reconstruir o mundo de valores em que acreditavam e que foram postos à prova pela agressão cometida por alguém que pensavam ser igual a eles mas de quem agora descobrem as verdadeiras dificuldades de existência. Por um lado, Michel vai retirar a queixa e oferecer, de forma talvez um pouco desajeitada, ajuda a Christophe. Este, por seu lado, recusa categoricamente a ajuda, que lhe parece muito incongruente e talvez mesmo humilhante. Decide então ajudar Christophe a sustentar a família usando o dinheiro dos bilhetes para a viagem à Tanzânia. Por outro lado, Marie-Claire ocupa-se com carinho e atenção dos irmãos de Christophe, Martin e Jules, que se encontram quase abandonados após a sua detenção. O derradeiro gesto do casal será querer adotar as duas crianças.

Se os termos *generosidade*, *entreajuda*, *amabilidade* e *bondade* podem decerto caracterizar a atitude das duas personagens principais, é-nos também dado pensar que o filme defende valores cujo alcance é mais geral. *Generosidade* ou *amabilidade* evocam atos e gestos que se inscrevem em relações mais restritas, de indivíduo para indivíduo, enquanto o termo ***solidariedade*** remete mais precisamente para a ideia de uma comunidade mais ou menos alargada.

Vários índices que mostram, com efeito, que o comportamento de Michel e Marie-Claire não se explicam unicamente por considerações de ordem pessoal (a piedade por duas crianças deixadas ao abandono) e que esse comportamento se alicerça em ideais referentes a **toda a sociedade** em que vivem. Assim, Michel é desde logo apresentado como delegado sindical, o que pressupõe que pretende defender todos os trabalhadores, mesmo que esse papel também lhe traga certas vantagens (como a proteção contra o despedimento). Mais precisamente, a primeira cena do filme mostra-nos que, por solidariedade e espírito de equipa, Michel coloca o próprio nome na lista das

pessoas suscetíveis de ser despedidas. Por outro lado, quando é confrontado com Christophe na esquadra da polícia, Michel insiste no facto de as situações de ambos serem similares, mesmo quando o agressor lhe opõe outras desigualdades que passaram despercebidas. Verifica-se pois um abalo neste valor de solidariedade, marcado pelas numerosas interrogações de Michel e Marie-Claire: Será que se tornaram «burgueses»? Será que merecem viver no conforto que agora possuem? Em que é que se tornaram realmente? No entanto, o gesto de Michel e Marie-Claire, que será mal interpretado pelos seus filhos mas finalmente partilhado pelos seus dois amigos, Raoul e Denise, só pode ser interpretado como uma forma de restabelecimento desse valor de **solidariedade**, mesmo quando comprometido, mesmo quando confrontado com novas realidades, como as grandes dificuldades que enfrentam os jovens trabalhadores como Christophe.

Se *As Neves do Kilimanjaro* põe em evidência a solidariedade e, mais especificamente, **a solidariedade de classe entre os trabalhadores**, importa também analisar de modo mais apurado o que ameaça, ou põe em causa, essa solidariedade: será simplesmente o comportamento de um indivíduo como Christophe? Ou será que o filme sublinha outros fenómenos, outros desenvolvimentos, outras **tendências profundas na sociedade** que questionam o modo como Michel e Marie-Claire podiam conceber essa solidariedade?

As reações das vítimas

Michel é invadido por um sentimento de profunda injustiça face à agressão de que é alvo. À semelhança das outras três vítimas, Michel pretende que se faça justiça e quer que os responsáveis paguem pelos seus atos. A evolução da trama narrativa mostrará reações divergentes em função de cada personagem, do seu caráter e das suas principais preocupações.

Depois de ter apresentado queixa, Michel tenta saber mais sobre as condições de vida do seu agressor. Apercebe-se então de que este também é vítima de uma situação de injustiça, e toma consciência das consequências obviamente negativas da sua queixa. Mesmo sem o expressar claramente, os seus atos refletem o perdão que deseja conceder a Christophe. Quer então reparar o seu erro e voltar atrás retirando a queixa, mas o processo está em curso e nada poderá alterar o destino do seu agressor. Mesmo que este recuse a sua ajuda, Michel, animado pelos valores subjacentes ao princípio da solidariedade, tudo fará para que nada falte aos seus irmãos.

Marie-Claire, por seu turno, guiada pela vontade de compreender o que se passou, irá rapidamente explorar o universo de Christophe para conseguir perceber as razões que o levaram a cometer tal ato. Depois de se encontrar com a mãe do jovem, apercebe-se de que esta se ocupará dos seus filhos e decide ser ela própria a assumir esse encargo. Note-se que, contrariamente a Michel, que tenta dialogar com Christophe e provar-

lhe que agiu mal, Marie-Claire não argumenta e prefere primeiro tentar compreender toda a situação, indo ao apartamento do jovem, falando de modo quase inocente com os seus irmãos e a sua namorada e tentando finalmente falar com a mãe. Por outras palavras, Marie-Claire age de forma muito mais concreta que Michel, que parece ao princípio guiado por grandes princípios e que prefere soluções bastante gerais (como dar todo o dinheiro da viagem), embora, no fim, preveja, como a sua mulher, adotar os irmãos de Christophe.

Em contrapartida, Denise, a irmã de Marie-Claire, reage de forma extrema perante a agressão de que são vítima as quatro personagens. Nesse momento é incapaz de controlar as suas reações fisiológicas e, nos dias e semanas seguintes, não consegue superar o medo e cai numa forma de depressão. Tais reações podem parecer exageradas aos olhos de pessoas que nunca viveram situações traumáticas deste tipo, mas a experiência mostra que uma percentagem significativa das vítimas de ataques violentos é incapaz de superar o medo causado pelo atentado à sua integridade física ou moral e, mais tarde, acaba por sofrer de vários distúrbios (do sono, da atenção, das emoções), reunidos no que se denomina "stress" pós-traumático. Denise conseguirá finalmente (pode pensar-se no final do filme) sair dessa depressão, muito provavelmente graças à intervenção de Michel e de Marie-Claire, que, numa ação conjunta, irão restaurar esse valor de solidariedade a que estavam todos ligados e assim restaurar o sentido do mundo em que vivem.

Enquanto Marie-Claire e Michel encarnam a compreensão e o perdão, e Denise a fragilidade, Raoul reage de forma completamente diferente, impulsionado principalmente por um desejo de vingança. Não consegue suportar o mal que foi feito a pessoas que lhe são queridas, em especial à sua mulher que é incapaz de recuperar do choque emocional após a agressão. Quer, por consequência, que Christophe pague pelo que fez. Nota-se que também ele argumenta bastante sobre a sua posição, em particular durante a discussão com Michel, no porto, mesmo que numa direção completamente diferente da do seu amigo. Também aqui, a experiência mostra que tal reação virada para a vingança é muito comum, senão maioritária, nos grupos que se identificam com as vítimas de agressões ou atos de violência: a incompreensão e o sentimento de injustiça dominam os indivíduos que exigem facilmente uma vingança mais ou menos radical.

Neste contexto, entende-se bem o que a reação de Michel e Marie-Claire tem de excecional: na verdade, é porque o cineasta nos mostra (aliás, em paralelo) todos os passos destas duas personagens que somos levados a partilhar os seus pontos de vista e, finalmente, as suas emoções. É o que explica sem dúvida igualmente o facto de os seus próprios filhos, sem conhecerem esta via, não compreenderem a opção de adotar os irmãos mais novos do seu próprio agressor.

Quanto a Denise e Raoul, supõe-se que a sua velha amizade é mais forte do que a incompreensão e, sobretudo, que a escolha feita pelos amigos corresponde a valores profundamente enraizados e que lhes permitem superar tão bem o traumatismo.

O mundo do trabalho: gerações em conflito?

Se, através do seu filme, Robert Guédigiuan defende claramente certos valores, apresenta também uma série de observações sobre **o mundo do trabalho, a sua situação atual** e a sua evolução. Esta temática, bem presente no guião, está também patente na realização, nomeadamente na escolha dos cenários. Um olhar mais atento terá observado que numerosas imagens, à semelhança do cartaz do filme, mostram, em plano de fundo, gruas, fábricas,

barcos de transporte ou outros elementos referentes ao universo fabril, como bandeiras sindicais. O filme fala, pois, do mundo do trabalho, com uma clara preferência pela classe operária cujo destino é abordado através de gerações diferentes com reações e atitudes diferentes: com efeito, todo o filme se baseia na oposição entre, por um lado, o casal estável constituído por Michel e Marie-Claire e, por outro lado, o seu agressor, Christophe, responsável pelos dois irmãos mais novos numa família «desestruturada».

As **duas gerações** representadas no filme são claramente distintas, não havendo praticamente nenhuma personagem que se situe entre ambas. Pode observar-se, por um lado, o casal formado por Michel e Marie-Claire e os seus amigos, Raoul e Denise e, por outro lado, a geração dos filhos, que têm entre 20 e 30 anos. Esta geração inclui Gilles, Florence e os respetivos companheiros, bem como o jovem Christophe.

A geração mais velha parece unida e motivada por valores comuns. Estas quatro personagens provêm todas da classe operária, pela qual lutaram, uns mais empenhadamente do que outros. Pode supor-se que, ao longo das suas vidas, o trabalho lhes permitiu viver bem, comprar alguns bens materiais e até tornar-se proprietários de uma casa bonita com um terraço, em Marselha.

A segunda geração, personificada pelos pais mais jovens, é muito mais díspar e heterogénea. Com efeito, os seus membros têm preocupações e modos de vida bem diferentes uns dos outros. Um deles, Christophe, tenta, melhor ou pior, satisfazer as suas necessidades e as dos irmãos. O outro, o marido de Florence, é obrigado a viajar em trabalho, afastando-se da família. Por último, Gilles, cuja única preocupação é a construção da pérgula da sua casa. Essa casa, muito moderna, fica situada à beira-mar num condomínio fechado por portões com código. O contraste com o pequeno apartamento de Christophe, situado num edifício construído provavelmente por volta dos anos 1960, é chocante. O seu espaço vital contém o mínimo necessário, a decoração é simples e a tinta das paredes um pouco desbotada. Embora se trate de pormenores meramente vislumbrados, esta jovem geração é apresentada no filme com contrastes extremos, tanto no que respeita à habitação, aos rendimentos, à situação familiar como ao estilo de vida.

Observa-se, por outro lado, outra diferença significativa entre as duas gerações. Enquanto Michel e Marie-Claire procuram compreender as motivações do seu agressor, o seu filho Gilles utiliza expressões mais estereotipados, como: «É o *guito* que eles procuram, é droga e companhia. São capazes de tudo para terem a sua dose». Posteriormente, os filhos de Michel e Marie-Claire não irão compreender a opção dos pais de adotar os irmãos mais novos do agressor. Para explicar aos pais o seu ponto de vista, fazem perguntas como: «O que irão pensar os nossos filhos? Como lhes iremos explicar que têm estranhos a dormir na vossa casa? Não se sentem incomodados por utilizar o presente que vos oferecemos com crianças que nem sequer conhecem?» ou mesmo «Será que o Christophe faria isto por vocês?» Essas perguntas revelam que estão sobretudo preocupados com o seu interesse pessoal (ou o da sua «família», em sentido restrito) e talvez sejam mesmo guiados pela inveja, o que sublinha a sua incompreensão face a um gesto afinal bastante simples e evidente, um gesto de solidariedade e dedicação.

Esta adoção, esta escolha que afasta Michel e Marie-Claire dos seus filhos, será, pelo contrário, bem recebida pelos amigos. O final do filme é

bastante explícito: **a solidariedade é um valor essencial da geração dos trabalhadores** a que pertencem Michel e Marie-Claire, mas podemos sem dúvida recear ou deplorar que esse valor já não seja partilhado de forma tão sólida pelas gerações seguintes.

Um ponto de vista sobre a sociedade

Ao comparar assim duas gerações de adultos, Robert Guédiguian encena de modo mais geral as alterações estruturais ocorridas na sociedade e os valores que nela são dominantes. Passa-se de uma sociedade regida por um forte sentido de solidariedade para uma sociedade dominada por uma forma mais ou menos exacerbada de individualismo. Todavia, importa não entender neste último termo a ideia de egoísmo, pois a geração dos filhos também age para bem dos seus, por exemplo quando oferece a Michel e Marie-Claire a viagem a Kilimanjaro. Trata-se, porém, de atos direcionados para a família ou para pessoas que lhes são próximas, e não para uma comunidade mais alargada como as ações de Michel e Marie-Claire.

Como o realizador salienta na revista de imprensa, essa mudança ocorreu na sequência de importantes evoluções no domínio do trabalho, nomeadamente do trabalho industrial. Em poucas décadas, o sistema económico em que se inscreviam as empresas e os trabalhadores dos países desenvolvidos evoluiu consideravelmente, remodelando ao mesmo tempo os modos de vida e os sistemas de pensamento. O que o realizador descreve com uma certa nostalgia, é a fragilização de uma estrutura social e de um sistema de valores que estavam associados a uma classe operária forte e combativa, como se observava até ao final dos anos 70. Os operários estavam então unidos por um sentimento de pertença a uma mesma comunidade, partilhando o mesmo destino, em luta contra o patronato e contra as desigualdades, privilegiando a solidariedade em benefício de todos contra o interesse individual de alguns. Deviam não só defender os seus interesses pessoais, mas também, através das estruturas sindicais e dos partidos políticos (essencialmente socialistas e comunistas), lutar, de modo mais geral contra todas as formas de exploração e de dominação, como resumia a palavra de ordem marxista: «Proletários de todos os países, uni-vos!».

Atualmente, porém, como explica Robert Guédiguian, tendo perdido a força do número, o mundo operário já não possui visibilidade no espaço público. O espaço é deixado a uma nova geração confrontada com uma importante taxa de desemprego comparativamente com a situação que conheceram os pais, confrontada também com uma «flexibilidade» do emprego que pode revelar-se destabilizadora. Como já não partilham objetivos comuns, os membros desta nova geração tendem a agir de modo mais individual, antes de mais em função dos seus interesses pessoais, e a fechar-se em torno das pessoas mais próximas, amigos ou família, sem referência a uma classe social abrangente.

Embora essa classe trabalhadora tenda a desaparecer ou, pelo menos, a perder importância, levando consigo a consciência de pertença a uma mesma comunidade de destino, Robert Guédiguian espera, apesar de tudo, que essa consciência de «classe», alargada a toda a "gente pobre", possa ainda surgir, apesar do individualismo dominante, em prol de uma verdadeira solidariedade popular, como manifestada a seu modo por Michel e Marie-Claire.

www.luxprize.eu
luxprize@europarl.europa.eu